IV – NOTAS E TRANSCRIÇÕES

LEGENDA DE FÉ E ESPERANÇA DE UM HOMEM-SÍMBOLO

Francisco Alves de Andrade

(Pronunciamento por ocasião da homenagem prestada pela Associação dos Engenheiros-Agrônomos do Ceará ao Presidente Juscelino Kubitschek, na noite de 02.09.76 em Fortaleza)

Uma das reflexões que hoje fazemos nesta semana consagrada à Pátria é a que ensina rever na História o aprendizado dos símbolos humanos. É que as preocupações da vida material intensa vão passando para trás os grandes vultos da formação brasileira a que devemos a integridade cultural do Brasil.

Ergamos aos nossos olhos, neste instante de dúvidas e discórdias, em que se insinua o caráter vacilante dos que subestimam os valores intangíveis.

JUSCELINO KUBITSCHEK E O BRASIL

O Brasil não é apenas o tesouro da terra, o esplendor dos recursos naturais, espaços vazios de selvas e cachoeiras. Na senda das estradas abertas e hoje asfaltadas, dos antigos e novos caminhos que ligam campos e cidades, artesanatos e indústrias, grandes, médias e pequenas barragens, torres elétricas que nutrem indústrias e iluminam cidades, capelinhas solitárias de povoados e templos urbanos, por sobre paisagens adormecidas, ecoa o grito dos símbolos humanos.

É que o Brasil são homens. E um deles saiu de perto de nós para outras paragens, onde, como de um céu azul, a cintilar mui distante, nos

diz muito do seu braço, de sua mente voltada para o futuro, de sua capacidade de interiorização e de urbanização, fincando com o seu nome o marco diferencial e integral — libérrimo e audaz deste século. Chama-se JUSCELINO KUBITSCHEK, este a quem na Semana da Pátria homenageamos.

Os homens símbolos guardam valores eternos e inspiram energias adormecidas. Há no seu exemplo uma mensagem. E quando nos envolvem espectros, coisas e seres vazios de conteúdo humano, porque não recitar frente às contradições de toda a sorte o credo da esperança nos valores do futuro?

A TERRA E O HOMEM

Vivemos no mundo o momento crítico em que os sentimentos mais altos se anulam diante de uma sociedade e de um sistema que tentam fazer do homem um passivo dente de engrenagem, um servo da civilização do consumo, um escravo que merece ser libertado. Eis que escritores humanistas como o fértil Erich From, clamam por uma tecnologia humanizada. Não é bem a tecnologia, mas o próprio tecnicólogo precisa ser humanizado e com ele as empresas, as instituições econômicas, sociais, políticas.

Nós, agrônomos, quando homenageamos o saudoso Presidente Juscelino Kubitschek, vemos no herói do desenvolvimento brasileiro a terra e o homem perfeitamente integrados naquilo que chamamos humanismo telúrico — a vigorosa alma rural da grande Mãe-Terra, que, no dizer do poeta São Francisco de Assis, é quem nos sustenta e governa.

O campo é, no sábio viver de Vidart, o "cenário eterno do drama que culmina nas cidades, o viveiro das forças que forjam as culturas, o alfa e o omega do ciclo evolutivo da nossa espécie. . . "

Ele soube crescer e fortalecer-se neste País, vivendo o drama a que o teatrólogo e jornalista Eduardo Campos chamou de "complexo de Anteu". Ser Anteu é ser forte, por tirar toda a sua força e prestígio da terra natal. Segundo a lenda grega, Hércules no duelo que trava com este seu contendor, sente e observa que ANTEU se fortalecia todas as vezes que punha os pés em terra. E por isso, tentou logo separá-lo do seu relacionamento com a Mãe-Terra.